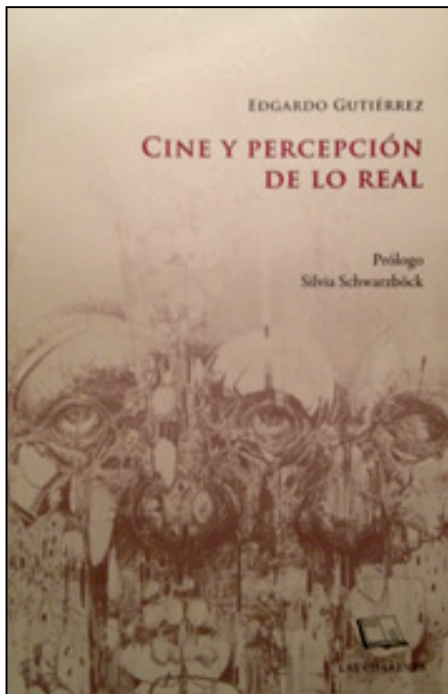


**Sobre Gutiérrez, Edgardo. *Cine y percepción de lo real: estudios críticos*. Prólogo de Silvia Schwarzböck. Buenos Aires, Las Cuarenta, 2010, 112 pp., ISBN 978-987-150-126-7.**

por Alexandre Manduca\*



A exibição pública que marcou o início do cinema foi em 1895, no Grand Café, em Paris, quando os irmãos Lumière apresentaram a saída de operários de uma das empresas da família. Era o cinema registrando a aventura humana, com a pretensão de registrar a realidade.

Décadas depois o teórico francês Gilles Deleuze dizia que o que nós vemos no cinema não é a realidade, mas a partir do momento que esta realidade passa a ocorrer, torna-se real. Isto quer dizer que a experiência com a arte traz consigo algo que afeta nossas percepções do real.

O filme é como uma impressão da realidade que segrega o imaginário, de acordo com Edgar Morin, pois ao mesmo tempo em que representa, significa. É por isso que o mundo da ficção é mais desafiante que o real, pois nele tudo é intencional. A linguagem do cinema e das imagens desperta e acende um desejo de fazer parte de todo esse universo imaginário que o cinema consegue criar.

Neste contraponto entre cinema e realidade, Edgardo Gutiérrez, em seu livro *Cine y percepción de lo real* intenta fazer filosofia do cinema e lançar luzes sobre esta discussão. Com uma linguagem didática e clara, Gutiérrez fala de filosofia, cinema e realidade com exemplos de produções importantes como as de Kubrick e Herzog.

No primeiro capítulo, ele resgata conceitos e autores dentro da relação filosofia e cinema ao longo do século XX como Kracauer, Benjamin, Merleau-Ponty e Deleuze, e no capítulo seguinte trabalha com os registros de Pier Paolo Pasolini e seu cinema poético.

Para Deleuze, o cinema é uma constelação de conceitos, uma nova prática de imagens e de signos, cuja filosofia deve fazer a teoria como prática conceitual. Merleau-Ponty e Benjamin também desenvolveram teorias que relacionavam o cinema e a filosofia, porém de forma diferenciada.

Neste contexto, Morin diz que o cinema é uma máquina que registra a existência solicitando a participação do espectador. Daí o interesse pelo conteúdo do filme, apreendido por Morin como capaz de suscitar percepções relacionadas ao sonho; essa subjetividade caracteriza a relação estabelecida entre o espectador e o filme, sua compreensão de uma situação representada baseando-se nos seus conhecimentos, suas suposições e suas expectativas; disso decorre o interesse pela estrutura da imagem fílmica e por sua capacidade em despertar emoções.

No terceiro e quarto capítulos, Gutiérrez explora os universos construídos por Andrei Tarkovski em *Solaris*, e por Kubrick em *A Laranja Mecânica*, onde o personagem interpretado por Malcolm McDowell depara-se com a realidade como uma espécie de “cura” para seus crimes. A força da realidade seria capaz de torná-lo um homem bom e pronto para voltar à sociedade.

No quinto e sexto capítulos são examinadas as problematizações de Peter Greenaway e Werner Herzog no cinema europeu e, por fim, no último capítulo, dedica-se ao cinema argentino e suas relações com a realidade, tentando entender o que significa “cinema argentino”.

A força do trabalho de Gutiérrez em seu livro está no fato de conseguir com desenvoltura resgatar uma filosofia do cinema e uma percepção das coisas em si, que é a produção de imagens do cinema. Gutiérrez nos leva a pensar que o diretor apresenta uma realidade, mas a projeção do filme faz com o que o espectador veja ali a sua realidade tornando-se mais forte que a própria

realidade.

O livro desenvolve uma narrativa e uma construção de argumentos muito relevantes para o estudo do cinema, ampliando as percepções do leitor sobre o cinema e a realidade.

---

\* Graduado em Comunicação Social, mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, professor de filosofia, estética e teoria da comunicação na Universidade do Grande ABC e Faculdade de Tecnologia de São Paulo. [alexmanduca@yahoo.com.br](mailto:alexmanduca@yahoo.com.br)